



## **A TÉCNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS A PARTIR DO CASO DO PEQUENO HANS**

GONÇALVES, Isadora Ferretti<sup>1</sup>, CANEDA, Cristiana Rezende Gonçalves<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia. UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, Campus de Cachoeira do Sul. [isadora.goncalves@rede.ulbra.br](mailto:isadora.goncalves@rede.ulbra.br)

<sup>2</sup>Docente do Curso de Psicologia. ULBRA.

**RESUMO:** Levando em consideração a importância dos casos clínicos para a psicanálise e suas funções, neste trabalho propõe-se fazer uma explanação acerca da técnica psicanalítica com crianças a partir da análise do caso do Pequeno Hans escrito em 1909 por Freud, com o objetivo de relacioná-lo recortes do caso clínico com os atendimentos realizados com crianças, durante o estágio clínico com abordagem psicanalítica. Tal construção, visou aprimorar a prática clínica e aprofundar o estudo das obras de Freud e de seus casos clínicos. Para tal, foi realizada uma revisão de literatura acerca dos principais escritos sobre o caso, além da leitura do caso clínico na íntegra e seleção de recortes de análise. Pensando o desenrolar do caso, este traz muitas contribuições para entender como se constituem as neuroses, a importância do papel dos pais na constituição psíquica na infância e a maneira como se desenvolve um sintoma. Um aspecto significativo é que os pais hoje são incluídos como protagonistas da cena analítica e não apenas como porta-vozes dos filhos, sendo Freud precursor nesse aspecto, embora tenha se dirigido mais ao pai. A partir da leitura do caso e as interpretações iniciais feitas dos atendimentos, percebe-se que as funções materna e paterna permeiam todo o tratamento psicanalítico infantil, bem como, o estabelecimento de vínculos e da subjetividade. Por isso, é de suma importância convocá-los para o setting terapêutico e estar atenta ao modo como essas relações e funções se estabelecem em cada caso. As reflexões neste artigo, contribuíram para o processo de aprendizagem e entendimento da técnica psicanalítica, possibilitando a associação com os casos e conflitivas atendidas na clínica. Por isso, a psicanálise com crianças segue sendo um desafio e envolve conhecimento da teoria e da técnica, bem como, saber como intervir nas relações e transferências estabelecidas entre paciente-terapeuta-família.

Palavras-chave: psicanálise, infância, casos clínicos.



## INTRODUÇÃO

Sigmund Freud desenvolveu a psicanálise a partir da análise e escrita de casos clínicos que suscitam suas diversas descobertas ao longo de sua teoria. Estes casos foram essenciais para os autores pós-freudianos continuarem desenvolvendo sua teoria até os dias atuais. Segundo Nasio (2001), em psicanálise, definimos o caso como o relato de uma experiência singular, escrito por um terapeuta para atestar seu encontro com um paciente e respaldar um avanço teórico. O caso do pequeno Hanns é sempre um texto para ser lido e discutido, pois exprime a própria singularidade do ser que sofre e da fala que ele nos dirige.

Partindo deste pressuposto, Nasio atribui três funções aos casos clínicos: a didática, a metafórica e a heurística. As funções descritas pelo autor, enfatizam que um caso tem como intuito ser didático, a partir da ilustração e da dramatização de conceitos através da experiência clínica; ser metafórico, pois produz metáforas a partir da relação da cena com o conceito, e heurístico, pois além dos conceitos explícitos ele possibilita ao leitor criar novas concepções e perspectivas teóricas (NASIO, 2001).

É a partir do pequeno Hans e de Freud, que a psicanálise com crianças se desdobrou em várias vertentes, destacando como pioneiros (as): Anna Freud; Sabina Spielrein; Melanie Klein; Françoise Dolto; Donald Winnicott; Maud Mannoni e Arminda Aberastury. Apesar de em alguns aspectos esses (as) autores (as) seguirem caminhos e perspectivas diferentes, todos possuem um denominador comum, colocando a criança no lugar de ser respeitada em sua própria capacidade de viver e a de ser escutada a partir de seu próprio desejo (LEITÃO & CACCIARI, 2017).

Levando em consideração a importância dos casos clínicos para a psicanálise e suas funções, neste trabalho propõe-se fazer uma explanação acerca da técnica psicanalítica com crianças a partir da análise do caso do Pequeno Hans escrito em 1909 por Freud. Este retrata a análise de um menino de cinco anos conduzida pelo pai dele, a partir das orientações de Freud, sendo considerado o primórdio da psicanálise com crianças, por trazer elementos que compravam a teoria psicosexual desenvolvida pelo autor, além de introduzir a questão do lugar dos pais na abordagem do sofrimento infantil.



Este artigo tem como objetivo relacionar os recortes do caso clínico o pequeno Hans, com os atendimentos clínicos com crianças, desenvolvido durante o estágio clínico com abordagem psicanalítica, a fim de aprimorar a prática clínica e aprofundar o estudo das obras de Freud e de seus casos clínicos. Além disso, buscou-se identificar as técnicas utilizadas por Freud em suas orientações para o tratamento do pequeno Hans.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

Primeiramente foi realizada uma revisão de literatura sobre as discussões tecidas por psicanalistas sobre o caso do pequeno Hans, além da leitura do caso clínico escrito por Freud. Depois, a partir desses achados, foram selecionados os pontos que chamaram mais atenção do caso e as técnicas utilizadas por Freud, relacionando-os com dois casos atendidos pela estagiária durante sua prática clínica.

## **DISCUSSÃO**

Nos primeiros recortes analisados por Freud, Hans tinha quase três anos e demonstrava curiosidade acerca do seu pipi e se todas as pessoas teriam um igual ao dele. Ele questiona a mãe se ela teria um e ela diz que sim. Depois, Hans passa a observar os pipis de animais, onde sempre enfatiza a presença de pipis grandes. Após o surgimento da curiosidade, aos três anos e meio, passa a tocar seu pipi e sua mãe vê e ameaça tirá-lo se ele repetir tal fato, com as palavras: ‘Se fizer isso de novo, vou chamar o Dr. A. para cortar fora seu pipi. Aí, com o que você vai fazer pipi?’ e Hans responde: ‘Com meu traseiro.’ Nesse momento, temos a primeira presença para Hans da norma cultural, que diz que isso é proibido e ‘feio’ e da ameaça de castração, ou seja, de perder o pipi.

Embora isso seja marcado agora já, ainda não causa angústia em Hans. Depois desse episódio, Hans continua vendo os pipis de animais no zoológico e também associa a locomotivas. Porém, depois ele muda esse entendimento e compreende que os animais têm pipis, mas cadeiras e mesas, por exemplo, não tem. Depois volta sua curiosidade para os pais, sobre seus pipis e noutra ocasião, ele estava olhando insistentemente sua mãe despida, antes



de ir para a cama. E eles tem o seguinte diálogo: ‘Para que você está olhando para mim desse modo?’, ela perguntou. Hans: ‘Eu só estava olhando para ver se você também tem um pipi.’ Mãe: ‘Claro. Você não sabia?’ Hans: ‘Não. Pensei que você era tão grande que tinha um pipi igual ao de um cavalo. Aqui Hans associa a questão de ter um pipi e ser grande com um cavalo. Interessante que depois ele desenvolva justamente a fobia por um. Neste momento, ele ainda demonstrava só curiosidade e não angústia quanto a essas descobertas.

Com a mesma idade, nasce a irmã de Hans, Hanna. Ao observar a cena do nascimento, apontando para a comadre suja de sangue, observou, num tom de surpresa: “Mas não sai sangue do meu pipi”. Ele parece curioso quanto a chegada da cegonha e estranheza quanto a cena que viu, associando os dois. Em seus próximos relatos, o pai de Hans menciona que ele ficou com ciúmes da irmã, inclusive tendo nos primeiros dias, ele tem dores de garganta e diz que não quer uma irmãzinha. Ele começa a apresentar dúvidas quanto a se todos têm pipi, observando sua irmã. Também se refere as filhas de um amigo do pai como “minhas meninhas”. Neste período, com 4 anos, ocorre uma mudança de casa e ele começa a observar sua vizinha todos os dias. Fantasias sexuais; queria que ela dormisse comigo; mas também, agressividade. Com 4 anos e 3 meses, numa manhã a mãe de Hans lhe deu seu banho diário, como de hábito, secando-o e aplicando-lhe talco. Quando a mãe lhe passava talco em volta do seu pênis, tomando cuidado para não tocá-lo, Hans lhe disse: “Por que é que você não põe seu dedo aí?”, ‘Mãe: “Porque seria porcaria.”’, ‘Hans: “Que é isso? Porcaria? Por quê?”’, ‘Mãe: “Porque não é correto.”’, ‘Hans: (rindo) “Mas é muito divertido.”’ De novo, a mãe de Hans o adverte quanto a masturbação e a sexualidade como algo proibido. Depois desse dia, ele tem um sonho, em que estava brincando de cobrar prendas com as meninas. Ele pergunta: ‘Quem é que quer vir comigo’ Ela (Berta, ou Olga) respondeu: ‘Eu quero’. Então ela tem que me obrigar a fazer pipi”.

Depois desse momento, o pai de Hans escreve a Freud contando que a partir de agora tratam-se de materiais para um caso clínico, pois Hans estava com muito medo de que um cavalo o mordesse na rua: Ele receia que um cavalo vá mordê-lo na rua, e esse medo parece estar de alguma forma relacionado com o fato de ele vir-se assustando com um grande pênis. Conforme o senhor soube, por um relato anterior, já em uma idade deveras precoce ele havia



notado como são grandes os pênis dos cavalos, e nessa época deduziu que sua mãe, por ser tão grande, deveria ter um pipi como o do cavalo (FREUD, 1909).

Após essa primeira suposição do pai de Hans, Freud traz os recortes das anotações feitas a partir de janeiro de 1908 ‘Hans (quatro anos e nove meses) desperta em lágrimas, após ter tido um sonho em que pensou que a mãe tinha ido embora e ficava sem ela para ‘mimarmos juntos’. Neste sonho e nos recortes seguintes, Hans demonstra ansiedade e angústia ao separar-se da mãe. Outro dado importante, é que sempre que ele tinha esses sentimentos, a mãe o levava para a cama. Então, ao sair para dar seus passeios, chorava no meio deles e pedia para voltar para casa, junto com mamãe. Depois, vem no discurso de Hans que ele tem medo que um cavalo o morda.

O primeiro manejo/orientação para o pai acontece nesse momento, onde ele diz para o pai de Hans dizer ao menino que tudo aquilo não passa de uma bobagem. Também orienta o pai a explicar algumas questões ligadas a sexualidade para o menino. Freud e o pai de Hans concordavam que o ato de masturbar-se tinha um lugar central no sintoma desenvolvido pelo menino. Por orientações de Freud, o pai de Hans vai lhe dando explicações sobre questões sexuais em troca do conteúdo que ele vai explicitando. Nomeia tudo relacionado aos cavalos como bobagem e revela que a mãe e as outras meninas não possuem nenhum pipi. Além disso, orientou a dar os esclarecimentos em momentos oportunos, quando Hans os trouxesse em sua fala. É interessante como Hans vai ampliando sua fobia, aos ônibus, carroças carregadas, até associar a viagem que faz sozinho com a mãe, onde ela já estava grávida, mas os pais não haviam o dito do que se tratava e também seu pai estava ausente.

Todos os afetos eram transformados em angústia e após um sonho com duas girafas que eram amassadas, o pai de Hans interpretou como se a girafa grande (ele) amassasse a pequena (pipi de Hans). Para Freud, *“esta é a mais adequada continuação da fantasia da girafa. Ele suspeitava que tomar posse de sua mãe era um ato proibido e se defrontara com a barreira contra o incesto”*. Após ele descreve o cavalo com um adereço na boca, que parece impedi de fazer algo, o que o deixava muito angustiado.

Freud associa tal fato ao amor por seu pai entrar em conflito com sua hostilidade para com ele, considerando-o como um rival junto de sua mãe; e censurando seu pai por não haver ainda chamado sua atenção para esse jogo de forças, fadado a culminar em ansiedade. Parece



que nesse momento ele começa a identificar-se com o pai, entrando na finalização do complexo de Édipo. Sabemos que essa parte da ansiedade de Hans possui dois componentes: havia medo de seu pai e medo por seu pai. O primeiro derivava de sua hostilidade para com seu pai, e o outro derivava do conflito entre sua afeição, exagerada a esse ponto por um mecanismo de compensação, e sua hostilidade. Freud também traz no texto, que no processo de formação de uma fobia, a condensação tem um lugar fundamental. Isso se faz presente, quando Hans condensa vários elementos dentro da fobia de cavalos, o que revela que essas características tinham referência alguma a todos os cavalos, mas acabou-se associando de modo secundário, fixando naqueles elementos do complexo relativo a cavalos.

Outro fator importante, é que para Freud, enquanto a criança não souber das diferenças das genitais femininas e masculinas haverá uma lacuna na compreensão da sexualidade. Através de sua última fantasia, quanto ao nascimento da irmã, através da brincadeira com uma boneca, e também da castração através do sonho com bombeiros, e da explicitação do desejo dele de ter filhos e tomar o lugar do pai, a ansiedade que foi provocada pela castração foi superada e transformada em outros significados para Hans.

Finalizo, com este trecho escrito por Freud: Sim, o doutor (o bombeiro) veio, ele de fato levou seu pênis - mas apenas para dar-lhe um maior em troca. Quanto ao resto, nosso jovem investigador simplesmente chegou um pouco cedo à descoberta de que todo o conhecimento é um monte de retalhos, e que cada passo à frente deixa atrás um resíduo não resolvido. Reflexões sobre o caso, a psicanálise com crianças e os casos atendidos: Das obras do Freud, o caso Hans é o único sobre a clínica infantil, ressaltando que ele nunca atendeu Hans diretamente, e toda a análise foi baseada nas explicações e escritos feitos por Max Graf, o pai do menino. De acordo com os relatos, percebe-se que Hans é um menino de cinco anos, dotado de grande astúcia, comunica-se bem e é bastante afetivo (SILVA & LIMA, 2018).

Ao ler o caso do pequeno Hans, suscitam-se muitas questões referentes a teoria psicosssexual de Freud e principalmente a castração, o complexo de Édipo e o tabu que a sociedade coloca em cima da sexualidade. Pensando o desenrolar do caso, este traz muitas contribuições para entender como se constituem as neuroses, a importância do papel dos pais na constituição psíquica na infância e a maneira como se desenvolve um sintoma. Outros fatores importantes, são o manejo que Freud estabelece através do Pai, que tem uma posição



importante no contingenciamento das angústias do pequeno Hans e também é quem vai descobrindo mais elementos da fobia e faz as interpretações sobre o que o filho vai lhe trazendo. Tal caso, faz refletir sobre a psicanálise com crianças na contemporaneidade, e como os entendimentos postulados por Freud ainda permanecem como essenciais para o entendimento da constituição humana da criança e também dos sintomas do adulto.

Através dos relatos feitos pelo Pai de Hans, percebe-se nitidamente no início que Hans tem curiosidade quanto aos pipis e acredita que todos o tem, homens e mulheres. Essa concepção é reforçada pela mãe, que após vê-lo tocando seus órgãos, a mãe o ameaça de cortar seu pipi fora. Nesse primeiro momento, tal ameaça não é angustiante para Hans. Também percebe-se que Hans faz muito uso da fantasia e que os sonhos também têm um papel importante na compreensão da norma e do corte. É através da brincadeira que ele tenta elaborar, por exemplo, como nascem os bebês.

O caso também mostra a curiosidade infantil sobre a sexualidade e de onde vem os bebês. Percebe-se que a mãe faz represálias a masturbação de Hans, que era algo prazeroso para ele, e que a mãe o dizia que era errado. Nossa sociedade impõe essas regras, que passam de geração pra geração, através da socialização e da criação que é fornecida pelos pais. Isso concerne ao que diz respeito da proibição do incesto e também a uma negação da sexualidade infantil e humana. É interessante perceber através do caso, como a castração da lei da cultura é angustiante para a criança e como é importante também para a estruturação psíquica e das neuroses.

Tal concepção também é enfatizada por Silva e Lima (2018), que trazem que são três sentimentos intensamente conflituosos: o desprezo, de um lado; a admiração, de outro; e, ao mesmo tempo, a cumplicidade presente. A criança entende que, desejando o mesmo objeto do pai, este se torna um adversário, há, portanto, admiração e temor. Ao longo do desenrolar de sua fobia, também fica evidente os desejos sexuais pela mãe e o medo do pai e de perder seu pipi.

Pelos recortes clínicos, percebe-se que Hans mostra sentimentos de ambivalência pelo pai, ao mesmo tempo que quer ele longe, o ama. Segundo Silva e Lima (2018), Freud em *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), observa que nessa fobia há três aspectos característicos: o pai é o limite do desejo e, nesse sentido, a criança tem desprezo pela figura



paterna; e o próprio Hans em determinado momento, diz querer substituir o pai e que desejava ser ele na relação com a mãe, gerando o desprezo. Ao mesmo tempo, há um sentimento de admiração por ele, por ser o possuidor do objeto de desejo, um pipi grande no caso de Hans, ocasionando a ambivalência. E, o terceiro aspecto, é a questão do caminho para o objeto de desejo; se o outro tem esse objeto, então preciso ter certa cumplicidade, onde a criança utiliza do companheirismo para alcançar seu desejo.

Ainda em relação a fobia, que foi o sintoma desenvolvido por Hans, tomou um novo sentido a partir da escuta analítica do pai e de Freud. Pois, é através desta que percebesse que o sintoma tem um sentido, um sentido desconhecido para o sujeito, inconsciente, uma satisfação que é reconhecida pelo sujeito como um sofrimento. Tal concepção o torna paradoxal, pois o sintoma ao mesmo tempo que busca sua satisfação traz sofrimento. Esse é um dos diferenciais do tratamento psicanalítico comparado aos biomédicos.

No discurso médico, o sintoma nada tem de poético, sendo visto de uma forma reducionista e universal. Já no discurso psicanalítico, percebemos que o sintoma se forma através de dois mecanismos, a saber, o mecanismo de condensação (metáfora) e o de deslocamento (metonímia), pois, é através destes mecanismos que o desejo do sujeito se camufla provocando um engodo na consciência podendo ser parcialmente satisfeito (SILVA E LIMA, 2018). Mais especificamente quanto a técnica, é interessante que mesmo tendo visto o pequeno Hans pessoalmente apenas uma vez, Freud consegue analisa-lo e orientar seu pai na condução do tratamento analítico.

Nisso, vamos a questão da importância do lugar que os pais ocupam na constituição da psique do filho e no tratamento das neuroses. O pai de Hans estabelece uma função importantíssima de contingenciamento, de aguentar os impulsos agressivos do filho para consigo mesmo e ao mesmo tempo, dirige o tratamento e faz interpretações importantes ao Hans. Embora ele exerça a função de corte, ele também dá espaço e abertura para as fantasias do filho frente aos cavalos, a cegonha, ao nascimento da irmã e dos impulsos sexuais dele para com sua esposa. Um aspecto significativo é que os pais hoje são incluídos como protagonistas da cena analítica e não apenas como porta-vozes dos filhos.

Freud foi precursor nesse aspecto, embora tenha se dirigido mais ao pai. Ele alterou a maneira como os pais de Hans o representavam e modo que se relacionavam. Hoje se pensa



que a ausência de recursos psíquicos nos pais pode até mesmo inviabilizar a análise dos filhos. Ou seja, para haver análise é imprescindível a busca pelo apoio da família no tratamento (GUTFREIND, 2009). Pegando esse ponto específico, faço relação com dois casos atendidos por mim, no estágio de processos clínicos em abordagem psicanalítica, os quais vou dar os nomes fictícios de Maria e João, ambos têm sete anos de idade.

Através destes casos, pude notar semelhanças e diferenças entre a posição que os pais ocupam no cenário terapêutico e na vida dos filhos. Enquanto na família de Maria, os dois pais são mais presentes e implicados no tratamento, no caso de João tenho a presença maior da mãe do que do pai, que quase desaparece no discurso da mãe e do filho. Por tratar-se do início de tratamento, muitas questões ainda são lacunas e incógnitas na minha percepção e interpretação.

Percebo que no caso de João, embora a mãe demonstre preocupação, parece-me que ela ainda esteja tentando encontrar o ritmo do filho. Por vezes, parece fazer muitas coisas ao mesmo tempo, levando uma rotina corrida, sobrando pouco espaço e talvez paciência nos cuidados com ele. Ele fica muitas vezes com outras pessoas e pouco com a mãe e o pai. Já no caso de Maria, os pais levam a filha para atendimento e o veem como importante para a filha. Mas, ela conversa, é espontânea e ativa só quando está com a família que parece para ela único lugar seguro e que ela pode ter espaço de escolha e fala. Fora desse lugar seguro e de contingenciamento, ela tem dificuldade de estabelecer vínculos e de se abrir para as relações, o que mostra uma possível falha na confiança e segurança de Maria para com suas figuras de referência.

A partir da leitura do caso, as observações iniciais feitas dos atendimentos, percebe-se que as funções materna e paterna permeiam todo o tratamento psicanalítico infantil, bem como, o estabelecimento de vínculos e da subjetividade. Por isso, é de suma importância convocá-los para o setting terapêutico e estar atenta ao modo como essas relações e funções se estabelecem em cada caso. O psicanalista não pode isolar o paciente de sua família, pois está com grande participação na história da criança, nas inscrições psíquicas e no modo como a criança vê o mundo e experiência. A relação entre o analista e os pais deve ser marcada pela escuta. A análise suficientemente boa, não é um exercício do saber, mas sim o



acompanhamento e a acolhida do que é espontâneo, autêntico, (re) construindo a capacidade de relacionar-se.

O tratamento de Hans, só foi possível porque seus pais tinham recursos psíquicos e relacionais, apesar das dificuldades. Por isso, devemos ser discretos acolhedores de uma história, que é construída junto do paciente durante o encontro terapêutico (GUTFREIND, 2009).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da leitura e análise do caso do Pequeno Hans pode-se pensar sobre a teoria psicanalítica e o atendimento de crianças. Tal caso é considerado precursor, mesmo Freud tendo feito a análise através do pai.

Nos relatos e escritos feitos pelo pai do menino, percebe-se vários conceitos desenvolvidos durante a teoria freudiana, como o complexo de Édipo, a castração e a sexualidade infantil. Ao longo do caso, também podemos acompanhar como o sintoma do pequeno se desenvolve, com aspectos muito particulares a sua história, e como as leis culturais influenciam na constituição do aparelho psíquico, das neuroses e seus sintomas.

As reflexões feitas ajudam no processo de aprendizagem e entendimento da técnica psicanalítica, possibilitando a associação com os casos e conflitivas atendidas na clínica. Dentre os diversos pontos interessantes no caso, o que escolhi e que fazia mais sentido nesse momento da minha prática clínica, foi o lugar dos pais na análise. Fica claro, a partir das leituras e discussões feitas o quanto o lugar deles é essencial na construção psíquica e subjetiva dos filhos. Sem os pais, não conseguimos dar seguimento ao tratamento da criança, pois eles também precisam estar implicados nesse processo.

Por isso, a clínica com crianças segue sendo um desafio e envolve conhecimento da teoria e da técnica, bem como, saber como intervir nas relações e transferências estabelecidas entre paciente-terapeuta-família. Precisamos dar espaço para todas essas subjetividades, histórias, que se perpassam e se relacionam com os sintomas e queixas que chegam para atendimento. Como diz Gutfreind, na citação feita acima, nossa clínica deve ser baseada na escuta, no acompanhamento e acolhimento do que há de mais singular e espontâneo na



criança e em quem nos chega, possibilitando uma transformação e (re) construção do modo de se relacionar com o próprio desejo, com os impulsos e com o outro.



## REFERÊNCIAS

FREUD, S. **Dois histórias clínicas** (O “Pequeno Hans” e o “Homem dos ratos”). In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. 10. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

GUTFREIND, Celso. O Pequeno Hans discutido e sentido entre o passado e presente: discussedandexperiencedbetweenpastandpresent. **Rev. bras. psicanál.**, São Paulo , v. 43, n. 2, p. 69-76, jun. 2009 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2009000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000200008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 23 jul. 2020.

LEITAO, Iagor Brum; CACCIARI, Marcella Bastos. A demanda clínica da criança: uma psicanálise possível. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 22, n. 1, p. 64-82, abr. 2017 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282017000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282017000100004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 ago. 2020. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p64-82>.

NASIO, J. D. Que é um caso?. In: NASIO, J. D. (Org.), **os grandes casos de psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SILVA, Jônata Alves da; LIMA, Gleici Mar Machado de. Caso Hans: um marco na psicanálise com crianças. **Revista Científica da FASETE**, v. 1, n.1, 2018.